

1 Introdução

A língua já não é agora livre, porque o tempo permitirá às forças sociais que atuam sobre ela desenvolver seus efeitos, e chega-se assim ao princípio de continuidade, que anula a liberdade. A continuidade, porém, implica necessariamente a alteração, o deslocamento mais ou menos considerável das relações.

F. de Saussure, *Curso de Lingüística Geral*

Esta pesquisa tem por objetivo investigar o modo como convivem duas visões concorrentes sobre linguagem e significado numa das obras de maior importância para a história dos estudos lingüísticos, o *Curso de Lingüística Geral* de Ferdinand de Saussure.

A epígrafe acima ilustra a maneira peculiar como Saussure desenvolve sua reflexão sobre linguagem, apresentando recorrentemente duas faces de um mesmo fenômeno. São dois os princípios abordados neste trecho: o da continuidade e o da alteração. Ao referir-se ao princípio da continuidade, Saussure reclama a face estável da linguagem, pois sustenta que os elementos estruturais da língua, unidos entre si, formam um todo resistente, prisioneiro de suas próprias características durante um estado de língua. O princípio da alteração reclama a face instável da linguagem, já que deixa, para os elementos estruturais da língua, possibilidades de deslocamento, sinalizando, dessa forma, para uma compreensão que acomoda uma linguagem sujeita a disposições inusitadas, embora sempre submetida ao constrangimento das forças sociais.

Neste caso particular, e em muitos outros no *Curso*, Saussure é explícito em chamar a atenção do leitor para a natureza aparentemente contraditória de suas próprias colocações, para logo em seguida investir em dissolver tal aparência de contradição. Assim, ao comentar, na passagem de onde foi retirada a epígrafe acima, os efeitos do tempo sobre a linguagem, ele nos diz:

O tempo, que assegura a *continuidade* da língua, tem um outro efeito, em aparência contraditório com o primeiro: o de *alterar* mais ou menos rapidamente os signos lingüísticos. [...]

Em última análise, os dois fatos são solidários: o signo está em condições de alterar-se porque continua. O que domina toda alteração é a persistência da matéria velha; a infidelidade ao passado é apenas relativa. Eis por que o princípio da alteração se baseia no princípio da continuidade. (CLG: 89; grifos nossos)

Podemos dizer, no entanto, que, a despeito da admirável habilidade de Saussure para conciliar muitas das aparentes contradições que caracterizam o fenômeno lingüístico, o seu estilo de teorizar sobre a linguagem deixa ainda espaço para certas tensões “silenciosas” no *Curso*: certos movimentos “em aparência” contraditórios por vezes resistem a se deixar domesticar pelo empenho explícito de Saussure, e por vezes permanecem mesmo fora do escopo dos comentários do autor.

O interesse deste trabalho é analisar uma dessas tensões, explorando aquela que, em nossa avaliação, é a questão que permeia grande parte dos temas abordados: a questão do significado.

O entendimento do significado provido por Saussure, pode ser bem apreciado levando-se em consideração a tensão – ora manifesta, ora latente – entre estabilidade e instabilidade, fixidez e mutabilidade. Mais especificamente, pode-se identificar no *Curso* a presença de dois tipos de movimento com relação a uma certa perspectiva acerca da linguagem e do significado, que, hegemônica na história do pensamento ocidental, vem sendo denominada *visão representacionista do significado* (cf. Glock, 1997; Rorty, 1994; Harris, 1988; Martins, 1999). Conforme esclarece Harris (1988:12), em tal perspectiva:

[...] aceita-se como axiomático o princípio de que as palavras têm significado para nós em virtude de representarem alguma outra coisa¹.

Sob esse ângulo, uma palavra teria seu uso determinado e estabilizado porque funcionaria como sucedâneo de algum tipo de entidade fixa ulterior.

Sabemos que Saussure investe enfática e explicitamente *contra* uma versão bastante disseminada de representacionismo, a saber, aquilo que ele mesmo caracteriza como uma espécie de *nomenclaturismo simplista*, ou “a crença de que a língua, reduzida a seu princípio essencial, é uma nomenclatura” (CLG:79).

Apesar do empenho explícito de Saussure em combater essa versão de representacionismo, pode-se dizer, no entanto, que esta perspectiva não é de todo abandonada no *Curso*, sobretudo pela manutenção da crença no caráter bipartido

¹ As traduções das citações de obras não versadas para o português foram feitas pela autora deste trabalho.

do signo lingüístico. Com efeito, este trabalho parte da seguinte hipótese, levantada por Harris (1988:14):

Saussure não rejeita o representacionismo *in toto*, mas apenas uma de suas versões – pois não ergueria qualquer objeção a quem sustentasse que *arbor* “representa” um certo conceito, a não ser que esta pessoa sustentasse também que tal conceito pode ter algum tipo de existência independente da palavra *arbor*.

Conforme observa Harris, versões mais radicais de anti-representacionismo, notadamente aquela oferecida no pensamento de L. Wittgenstein, tenderiam a subverter a própria compreensão bipartida do signo lingüístico, a própria idéia de que significantes representam significados.

A confluência desses dois movimentos no *Curso* – de reação e de adesão ao representacionismo – faz com que não seja inteiramente simples responder a perguntas como: quão fixos são os significados na perspectiva do *Curso*?, ou O que os fixa? Nesta pesquisa, pretendemos oferecer elementos para pensar essas questões à luz de uma explicitação dos movimentos saussurianos de adesão e reação à perspectiva representacionista da linguagem e do significado.

Muitos são os caminhos possíveis para chegar a este objetivo. Contudo, o percurso que escolhemos para demonstrar a tensão decorrente da convivência de duas visões para o significado na obra saussuriana foi o da análise das metáforas presentes no *Curso*. Tais metáforas são usadas como um recurso importante na explicação dos principais conceitos tematizados por Saussure.

A análise das metáforas do *Curso de Lingüística Geral* é consequência de uma disposição pessoal em examinar a forma de construção do texto científico no âmbito da lingüística. Observamos que Saussure fazia uso recorrente de metáforas na explicação de conceitos, o que nos levou, então, ao interesse pela forma de apresentação das metáforas no bojo deste tipo de texto e pela análise de seu papel na formulação da teoria lingüística. Tendo em vista a extensão deste tema, delimitamo-lo à investigação do modo como as metáforas do *Curso* repercutem a tensão entre as duas visões de significado brevemente discutidas acima.

Para esta investigação selecionamos vinte metáforas do *Curso*, que são pertinentes para a compreensão de conceitos chave da teoria saussuriana, tais como as dicotomias *langue* vs. *parole*, *sincronia* vs. *diacronia*, *forma* vs. *substância*, *sintagmático* vs. *paradigmático*. Um exemplo de metáfora que indica

adesão ao representacionismo e, conseqüentemente, uma aposta na fixidez dos significados é a célebre metáfora da língua como um dicionário: “A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (CLG:27). Por outro lado, Saussure parece indicar uma reação ao representacionismo, quando, numa metáfora em que compara a instituição da linguagem à do casamento, enfatiza que a língua não se deixa governar por qualquer princípio racional fixo que lhe que seja exterior: “Pode-se por exemplo discutir se a forma monogâmica do casamento é mais razoável do que a forma poligâmica e fazer valer razões para uma e outra. Poder-se-ia, também, discutir um sistema de símbolos, pois que o símbolo tem uma relação racional com o significado; mas para a língua, sistema de signos arbitrários, falta essa base, e com ela desaparece todo terreno sólido de discussão.” (CLG: 87)

Circunscrito o tema e o objetivo desta pesquisa, cabe agora justificar a sua relevância. Já não é novidade falar sobre Saussure. Desde a publicação do *Curso de Lingüística Geral*, um conjunto enorme de comentadores tratou de interpretá-lo. Entretanto, o fato de já ter sido inúmeras vezes comentado não desloca de modo algum a importância e a influência que ainda hoje exerce o pensamento saussuriano, não apenas na Lingüística, mas também em muitos outros campos disciplinares que, seja por continuidade seja por reação, têm sua trajetória definitivamente marcada por um dos mais amplos movimentos intelectuais do século XX – o estruturalismo –, movimento este que, como se sabe, tem em Saussure a sua figura chave. Concordamos com Thibault (1996)², quando afirma que estudar Saussure hoje só é visto como algo controverso por aqueles que pensam que seu lugar na história do pensamento lingüístico deve se restringir ao “museu das ortodoxias passadas”. Ocupando, conforme aponta Harris (1997:210), “um lugar de importância única na história do pensamento ocidental”, e representando uma verdadeira revolução no itinerário dos estudos lingüísticos, a teoria saussuriana apresenta, pois, a inesgotabilidade típica dos grandes sistemas filosóficos que a nossa cultura nos lega e merece, portanto, esforços continuados de compreensão e esclarecimentos. Este trabalho se insere no âmbito desses esforços.

² Saussure and Beyond. Paul J. Thibault. <http://www.chass.utoronto.ca/epc/srb/cyber/thi1.htm>

Esta pesquisa escolheu o *Curso*, além disso, porque esta obra efetivamente inaugura a Lingüística, delimitando-lhe de modo preliminar o objeto e o método de pesquisa. Em seu programa fundador, Saussure tenta conciliar dois objetivos: (i) delimitar e defender um terreno próprio e científico para questões específicas da Lingüística, que não podem ser respondidas por outras ciências e (ii) responder a essas questões específicas da Lingüística acomodando os interesses tradicionais, remanescentes das pesquisas empreendidas ao longo do século XIX (cf. Harris, 1987:195). A tentativa de conciliação desses dois objetivos marca de forma definitiva a trajetória da lingüística, onde parece valer o que diz o próprio Saussure: “o que domina toda alteração é a persistência da matéria velha” (CLG:88). Compreender Saussure é, pois, de certa forma, compreender o jogo entre o velho e novo no campo da reflexão sobre a linguagem.

O projeto de analisar o *Curso* não é de modo algum tarefa fácil. Saussure aborda temas altamente controversos, de forma altamente sofisticada, e esse por si só já é um motivo de embaraço quando se há de comentá-lo. O embaraço aumenta ainda mais quando se soma à imensa literatura sobre sua obra e à diversidade de interpretações de seus principais comentadores, como Derrida (1967), De Mauro (1972), Culler (1976), Harris (1987), Holdcroft (1991), Thibault (1996), para citar apenas alguns. É certo que esta pesquisa não possui intenções de traçar comentários originais sobre a obra saussuriana; está marcada, de fato, por uma finalidade modesta e mais condizente com uma pesquisa de mestrado: realizar uma leitura vertical do *Curso de Lingüística Geral*, com vistas a uma compreensão melhor do legado saussuriano. A base teórica fundamental deste estudo é fornecida pelos trabalhos de R. Harris, sobretudo *Language, Saussure e Wittgenstein: how to play games with words?* (1988) e *Reading Saussure* (1987).

Harris foi escolhido como o comentador principal do *Curso* por dois motivos. Em primeiro lugar, na publicação de 1988, ele faz uma aproximação do pensamento de Saussure e de Wittgenstein em relação ao entendimento da linguagem, aproximação esta que se mostra bastante profícua, na medida em que enfoca, justamente, a tensão que se pretende investigar aqui: comparando a perspectiva saussuriana com a visão radicalmente anti-representacionista de Wittgenstein, Harris mostra como é oscilante a relação que Saussure mantém com o representacionismo, ora aproximando-se, ora afastando-se dessa perspectiva. Em segundo lugar, (ii) na publicação de 1987, Harris faz uma apreciação

detalhada e profunda do *Curso*, enobrecendo muitas das idéias saussurianas e desenvolvendo, também, em seu texto uma interpretação delicada de algumas metáforas, o que, dado o objetivo desta pesquisa, nos interessa bem de perto.

Este trabalho está organizado da seguinte forma:

No capítulo 2 apresentamos nossos pressupostos teóricos, apresentando e discutindo os movimentos filosóficos representacionista e anti-representacionista, e explicitando o modo como compreendemos aqui o conceito de metáfora e suas implicações para a construção de proposições científicas. No capítulo 3 procedemos à análise de metáforas saussurianas para linguagem e significado, em três seções distintas referentes aos seguintes três núcleos temáticos básicos discerníveis no *Curso*: (i) a relação entre linguagem e pensamento; (ii) a noção de regularidade lingüística e (iii) a constituição, identidade e valor do signo lingüístico.

Antes de passarmos à exposição dos nossos pressupostos teóricos é conveniente fazer menção ao fato de que, quando falamos do *Curso de Lingüística Geral*, estamos falando de uma obra póstuma, fruto do recorte de seus editores que a modelaram segundo suas interpretações das aulas ministradas na Universidade de Genebra.

Apesar de entendermos como muito importantes as reivindicações oriundas de novas interpretações baseadas nos manuscritos de Saussure e de seus alunos, essa dissertação leva principalmente em consideração o legado deixado pelo *Curso de Lingüística Geral* independentemente do fato de não ter sido Saussure pessoalmente quem o escreveu. Harris (1987:vii) é muito sagaz ao comparar o problema da autoria de Saussure ao problema da autoria de Sócrates. Realmente o *Curso* é uma fabricação de seus editores, assim como Sócrates provavelmente é uma fabricação de Platão. O estudo dos legados deixados por um e outro autor, não fica por isso menos justificado.